

Análise construcional das perífrases cursivas de gerúndio: um estudo comparativo do galego e do português

A constructional analysis of gerund cursive periphrastic structures in Galician and Portuguese: a comparative study

Quezia dos S. Lopes Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
queziaslopes@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6986-9116>

Enviado: 22/03/2021
Aceptado: 15/06/2021

Resumo

Este artigo se propõe a analisar, num dado recorte temporal (Séculos XX e XXI), as construções perifrásticas de gerúndio marcadoras do aspecto imperfeito cursivo no galego, especificamente as formadas pelos auxiliares *estar* e *ficar*. O objetivo deste estudo é comparar os resultados iniciais encontrados para o comportamento dessas construções no galego com os já atestados para o português quanto ao mesmo fenômeno. O trabalho segue a orientação dos modelos baseados no uso e da abordagem de construcionalização e mudança construcional de Traugott & Trousdale (2013). A análise é comparativa. O método correspondeu à coleta dos dados em dois bancos de textos do galego contemporâneo e à análise desses dados quanto a fatores analíticos que caracterizassem o contexto de ocorrência dessas construções, a saber: tipo semântico do verbo principal (V2), animacidade do sujeito e presença de material interveniente entre os elementos da perífrase (Verbo auxiliar (V1) e principal (V2)). Os resultados apontam para um perfil de uso das construções [*estar* + X-ndo]_{cursivo} e [*ficar* + X-ndo]_{cursivo} muito semelhante nas duas línguas em análise, ratificando, portanto, a hipótese sugerida para o fenômeno no português em Oliveira (2018) de que a construção formada por *estar* está mais avançada no processo de mudança construcional do que a constituída por *ficar*. Além disso, desse estudo comparativo, foi possível também traçar algumas particularidades desses dois idiomas no que se refere ao estudo em questão.

Palabras-chave

Relação galego-português; Construções perifrásticas de gerúndio; Mudanças construcionais.

Sumário

1. Introdução. 2. Abordagem teórica. 3. Metodologia. 4. Categorias de análise. 5. Resultados. 5.1. Tipo semântico de V2. 5.2. Animacidade do sujeito. 5.3. Material interveniente. 6. Convergências e divergências entre o galego e o português no fenômeno em análise. 7. Considerações finais.

Abstract

This article intends to analyze, in a given time frame (20th and 21st centuries), the periphrastic constructions of gerund that are markers of the imperfective cursive aspect in Galician, specifically those formed by the auxiliaries *estar* and *ficar*. The aim of this study is to compare the initial results found for the behavior of these constructions in Galician with those already attested in Portuguese regarding the same phenomenon. The work follows the orientation of the usage-based models and of the constructionalization and constructional change approach of Traugott & Trousdale (2013). The analysis is comparative. The method used was the collection of data in two contemporary Galician text banks and the analysis of these data regarding analytical factors that characterized the context of occurrence of these constructions, namely: semantic type of the main verb (V2), subject animacy and presence of intervening material between the elements of the periphrase (Auxiliary (V1) and main verb(V2)). The results point to a very similar profile of use of the constructions [*estar* + X-ndo]_{cursive} and [*ficar* + X-ndo]_{cursive} in the two languages under analysis, thus confirming the hypothesis suggested for the phenomenon in Portuguese in Oliveira (2018) that the construction formed by *estar* is more advanced in the process of constructional change than the construction formed by *ficar*. In addition, from this comparative study, it was also possible to trace some particularities of these two languages related to the study developed.

Keywords

Galician-Portuguese relationship; Periphrastic gerund constructions; Constructional changes.

Summary

1. Introduction. 2. Theoretical approach. 3. Methodology. 4. Categories of analysis. 5. Results. 5.1. Semantic type of V2. 5.2. Subject's animation. 5.3. Intervening material. 6. Convergences and divergences between Galician and Portuguese in the phenomenon under analysis. 7. Final considerations.

1. Introdução

O PRESENTE artigo tem por finalidade comparar o comportamento atual do galego e do português do Brasil¹ quanto às construções *estar + gerúndio* e *ficar + gerúndio*, representadas daqui para frente como $[estar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$ e $[ficar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$, na expressão do aspecto imperfectivo cursivo (“Estou lendo”; “Fico esperando”), na tentativa de mapear o comportamento dessas construções no galego e estabelecer suas aproximações e distanciamentos em relação ao PB. A proposta é procurar traçar um possível padrão de emprego dessas construções nessas línguas, dada a relação de herança que existe entre elas e o fato de os primeiros usos dessas construções, identificadas em amostras de estudo precedente (Oliveira 2018), datarem de um período anterior à separação dessas duas línguas, o que pode apontar para uma equivalência de comportamento deste fenômeno nesses dois idiomas atualmente.

Este artigo é fruto de uma pesquisa maior realizada em Oliveira (2018), que investigou, diacronicamente, essas construções no português e observou nesta língua que a construção composta por *estar* na forma auxiliar se mostra num estágio mais avançado de mudança construcional que a construção com *ficar*, apresentando um contexto de ocorrência mais rico e variado que esta última. O emprego mais amplo daquela construção diz respeito, sobretudo, à seleção do sujeito da perífrase, à escolha do tipo semântico do seu V2, à redução fonética particular e mais recorrente do seu V1, à manutenção do aspecto cursivo em situações mais variadas, à marcação mais neutra do aspecto cursivo comparada às demais construções do grupo, e à utilização da construção em ambientes inovadores, como nas construções de gerundismo². Porém, por não ser o foco desta análise, o debate realizado aqui não se estenderá por essas questões.

Esse trabalho observou que, no português, as construções perifrásticas marcadoras de aspecto cursivo restringem-se a poucas possibilidades de preenchimento da posição de V1/auxiliar³. Estudos indicam, porém, que essas possibilidades não surti-

1. Doravante PB.

2. Termo adotado pela gramática normativa para classificar construções de gerúndio formadas pela estrutura $[ir + estar + gerúndio]$, como em: “Vou estar enviando”. Conferir também Torres (2009).

3. Para Castilho (1968: 60), as perífrases que exprimem duração correspondem às de: “ficar, continuar, estar, ir, vir, seguir, permanecer + a + infinitivo ou gerúndio, neste caso sem a preposição”. Em outro momento do texto, o autor enumera as perífrases cursivas identificadas em seu trabalho. São elas: “prosseguir, estar, ir, vir, seguir e permanecer”. (Castilho 1968: 111). Em Travaglia (2015: 294-295) também é possível identificar essas mesmas perífrases para marcação desse aspecto. É válido ressaltar, porém, que há divergências na literatura quanto à nomenclatura aspectual. Lehmann (2008: 8-9, 13), por exemplo, ao tratar da auxiliarização de *ficar*, classifica as perífrases desse verbo como *progressivas*, que, pelo que se observa de sua análise, corresponde ao que os autores chamam de *durativo/cursivo*; além de haver estudiosos, como Volpato & Pereira (1997), que também adotam o termo *progressivo* para construções deste tipo.

ram ao mesmo tempo, foram sendo permitidas na língua ao longo de sua história, a partir do alargamento do esquema construcional deste tipo, o que possibilitou, por exemplo, o recrutamento de *ficar* sob influência das construções já formadas por *estar*, como mostra Lehmann (2008: 9). Dado esse passo inicial procedido por *estar*, a hipótese levantada foi a de que este tenha avançado mais no seu processo de mudança e influenciado o comportamento daquele nesse novo contexto, o que foi comprovado para o português pela confluência de outras evidências, como as já sinalizadas.

Essa pesquisa também lançou uma discussão inicial sobre este fenômeno no galego com a finalidade de ratificar os resultados atestados para o português, e é sobre esta discussão levantada que este artigo se debruça, na tentativa de trazer luz a essas questões e ampliar esse debate, que, apesar de ainda estar em curso, permite fazer certas sinalizações do comportamento das construções aqui em análise nos dois idiomas.

O objetivo neste momento não é esgotar a análise do tema, que demanda muitas questões, mas ainda é pouco explorado na literatura, mas trazer, de modo sucinto, os resultados mais expressivos dessa comparação, ajudando, com isso, a promover este debate na comunidade científica. Vale destacar que não se procederá a uma análise direta do português aqui, mas se referirá aos resultados já observados para esta língua nesse estudo anteriormente citado. O foco deste artigo recairá, portanto, nos dados do galego. É esperado verificar para o galego um processo semelhante ao do PB, o de maior expansão da mudança das construções perifrásticas com *estar*.

Convém lembrar também que não há trabalhos prévios na literatura dessas duas línguas dentro desse recorte temático e teórico-metodológico. Porém, estudos mais gerais sobre o tema nessas línguas podem contribuir para a caracterização inicial do fenômeno. Dentre eles, embasarão mais diretamente este trabalho os de Castilho (1968) e Travaglia (2015), para o português, e os de Rojo (1974) e Freixeiro Mato (2002), bem como as gramáticas de Álvarez e Xove (2002) e Freixeiro Mato (2006), para o galego.

Segundo Freixeiro Mato (2002: 271, 274), as perífrases verbais do galego podem ser classificadas em temporais, modais e aspectuais, sendo estas do tipo incoativas, imperfectivas, perfectivas, reiterativas e terminativas. No caso das imperfectivas, foco deste trabalho, podem ser realizadas na forma auxiliada por um gerúndio ou pelo chamado infinitivo gerundial (*a + infinitivo*), ambas de valor durativo, segundo Rojo (1974: 102). Quanto aos auxiliares, essas perífrases utilizam os verbos *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, *levar*, *continuar* e *seguir*, além do *ser*, que, diferentemente dos demais, ocorre apenas com a forma *a + infinitivo* (Freixeiro Mato 2002: 275). Neste artigo, consideramos também as formadas pelo verbo estativo *ficar*, que, pela interpretação semântica dos dados, apresenta um comportamento muito semelhante ao das perífrases com *estar*, o que já foi sinalizado em outros estudos para o português (Lehmann 2008; Oliveira 2018; Castilho 1968: 60).

Rojo (1974: 68) e Freixeiro Mato (2002: 270) conceituam perífrases verbais como um conjunto de base verbal com unidade sintática e semântica correspondente

a um sistema paralelo de conjugação. Rojo (1974: 68) também acrescenta que elas expressam matizações verbais com respeito a tempo, aspecto, modalização, voz, para além da expressão básica já realizada pela conjugação de uma forma verbal simples. Para o autor, as perífrases constituem um tipo de complexo verbal, o de significação conjunta/indissociável, ao lado de outros que se caracterizam pela significação disjunta, isto é, quando suas partes componentes somam seus significados individuais para significação total do conjunto.

Destaca ainda uma particularidade da língua galega quanto a essa questão: “Refriríndonos concretamente al gallego, la escasez de formas conjugacionales da todavía mayor importancia a su sistema perifrástico.” (Rojo 1974: 69). As perífrases funcionam, então, segundo o autor, como um recurso morfológico altamente produtivo nesta língua, sobretudo as aspectuais, visto que essa noção não se encontra bem atendida na conjugação em sentido estrito (Rojo 1974:101). Isso as torna formas marcadas em relação às não perifrásticas, com indicação mais expressiva da duração da ação. Essa é uma singularidade que tem sido apontada por vários autores com relação às línguas românicas em geral, conforme aponta Barroso (1994: 79), que entende esse processo como algo além de um mero recurso expressivo:

Por isso, para quem, eventualmente, pense que as construções em causa não passam de um processo enfático das respectivas formas simples, objectamos dizendo que tal posição é absolutamente contestável. Porque, se as línguas românicas (e de modo particular o português) recorreram e constantemente recorrem a esses processos, não foi/é por um mero prazer lúdico (que, por vezes, se pode manifestar nos diversos actos de fala), mas por uma forte necessidade expressiva: é que as formas simples não eram já mais suficientes para expressarem toda uma série de nuances decorrentes do processo verbal. (Barroso 1994: 87)

Como visto até aqui, uma primeira especificidade do galego em comparação com o PB é o uso significativo do “infinitivo gerundial”, sobretudo dialetalmente (Freixeiro Mato 2006: 407), que funciona como variante da perífrase de gerúndio na marcação aspectual imperfectiva, como apontam também Maurer (1968), Rojo (1974:102) e Álvarez & Xove (2002: 409). O que permite que ambas as construções expressem o valor aspectual é, na visão de Rojo (1974: 102), o fato de o gerúndio indicar o não-término do processo, e o infinitivo não fazer referência a ele, correspondendo, portanto, ao ponto neutro.

De acordo com Freixeiro Mato (2006: 418), o emprego dessa variante no galego surgiu dialetalmente em meados do Século XIX e se consolidou no Século XX, estando condicionado hoje, principalmente, a fatores estilísticos e de distribuição geográfica. Ademais, o autor aponta que este uso, apesar de significativo, sobretudo dialetalmente, não é tão recorrente quanto na variante portuguesa, que o faz majo-

ritariamente em suas diversas distribuições geográficas. Posto isso, parece haver, portanto, entre o galego, português europeu (PE) e o PB um contínuo na distribuição das perífrases de gerúndio e de infinitivo. De um lado, observa-se a predominância das construções de infinitivo gerundial no português europeu, de outro, as de gerúndio no PB, estando o galego entre esses dois polos.

Canto ao uso do xerundio ou do infinitivo xerundial, o galego está máis próximo da norma brasileira do que da portuguesa, se ben cada vez máis o uso do infinitivo preposicionado está a gañar prestixio na lingua culta. Este último acentúa máis a imperfectividade da acción, como apontan Vázquez Cuesta/ Mendes da Luz (1971, II: 88) e Rojo (1974: 105, 115), quen, tras coincidir coas autoras da gramática portuguesa en que *estar a + infinitivo* designa unha acción máis momentánea do que o presente de Indicativo e que ese é tamén en galego o valor máis frecuente de tal construción, afirma que con *a + infinitivo* “puede hablarse de un recargamiento de la imperfectividad frente a la más general construcción com gerundio”, sendo para el este o motivo de que apareza con tanta frecuencia na literatura, xuntamente co feito de esta construción non existir en castelán. (Freixeiro Mato 2002: 275)

Feitas essas considerações iniciais, este artigo apresentará na sequência (§2) uma breve revisão do quadro teórico que o subsidia, além de elucidar alguns conceitos básicos envolvendo a terminologia empregada na análise das construções. Em seguida (§3), comentará os procedimentos metodológicos adotados e as informações gerais sobre a amostra examinada. Em (§4), discutirá as categorias de análise e, na sequência (§5), fará uma análise do quadro geral do galego quanto ao fenômeno investigado. Já na seção (§6) discutirá as semelhanças e diferenças entre essa língua e o PB com respeito ao recorte temático-temporal aqui procedido. Por fim (§7), passará às considerações finais deste trabalho.

2. A abordagem teórica

Este trabalho se insere no quadro teórico dos modelos funcionais baseados no uso, assume uma visão de língua como uma habilidade cognitiva geral, e a de gramática como uma grande rede de construções interconectadas. Orienta-se pela consideração de que o uso motiva e modifica a estrutura linguística, sendo, por isso, de fundamental importância observar a construção em seu contexto mais amplo de emprego. Também considera, sob a ótica da construcionalização e mudança construcional, de Traugott & Trousdale (2013), que a construção é um pareamento de forma e significado, em que forma diz respeito aos aspectos morfossintáticos do signo, e significado, às informações semântico-discursivo-pragmáticas codificadas por ele. Secundariamente

recorre também a algumas considerações do paradigma da gramaticalização, visto o diálogo dessa abordagem com a adotada neste trabalho e o auxílio que pode conferir para uma análise mais ampla do fenômeno.

A metodologia aqui empregada, como se verá mais adiante (§3), se assenta nos trabalhos realizados para o estudo da mudança linguística, sob a ótica da Linguística centrada no uso, especificamente naqueles tratados pela teoria da construcionalização e mudança construcional, na perspectiva de Traugott & Trousdale (2013).

Dentro do marco teórico central deste trabalho, construcionalização é entendida como o processo de criação de um “nó” (construção) na rede construcional a partir de um novo pareamento de uma forma e um significado. Já a mudança construcional, como o processo de alteração em uma dessas duas faces (forma ou significado), podendo culminar, no caso de alteração nas duas dimensões, em uma possível nova construcionalização. Tais mudanças podem se dar antes e depois de cada construcionalização. Seriam, portanto, o estágio predecessor, e necessário, de cada nova construcionalização.

O estudo de uma dada construção, a partir dessa perspectiva, visa a analisar as alterações processadas nas duas faces de um item linguístico (forma e significado) até a constituição de um novo nó (novo pareamento forma-significado) na rede linguística de uma comunidade de fala (construcionalização) e as alterações ocorridas nessas construções em uma de suas dimensões após a sua formação (mudança construcional). Dessa forma, avalia tanto a construcionalização quanto as mudanças construcionais de uma dada construção da língua. A verificação desses fenômenos é feita, basicamente, a partir do exame das alterações na esquematicidade, produtividade e composicionalidade de uma construção na rede.

Antes de passar à explicitação desses conceitos, porém, cabe salientar que, apesar de o nome “mudança construcional” remeter, numa primeira impressão, ao resultado de um processo, refere-se, antes, nesta teoria, ao percurso/andamento desse processo, às fases anteriores e posteriores à criação do novo nó. Trata do caminho da transformação em si, e não da substituição já processada.

Sobre os conceitos anteriormente aludidos, cumpre dizer que a esquematicidade é entendida aqui como uma propriedade de categorização que envolve abstração num nível vertical. Ela permite avaliar o quanto é possível fazer generalizações acima de um mesmo eixo relacional. Desse modo, é possível organizar as construções, neste quadro teórico, numa rede distribuída em três níveis básicos: esquema (nível mais abstrato; Ex.: aspecto cursivo), subesquema (nível intermediário; Ex.: perífrases de gerúndio, perífrases de infinitivo etc.) e microconstrução (nível mais básico, que abarca diferentes *types*. Ex.: [*estar* + X-ndo]_{CURSIVO}; [*ficar* + X-ndo]_{CURSIVO}; [*estar* + a + X-r]_{CURSIVO} etc.).

O conceito de produtividade para Traugott & Trousdale (2013: 17-18) refere-se à extensibilidade de um esquema em termos de alargamento de uma construção, licenciando novas construções menos esquemáticas, bem como de suas restrições. É o

que acontece no português no recrutamento de novos auxiliares para a formação das perífrásticas de gerúndio, como ocorreu com *ficar* seguindo o caminho já procedido por *estar*, como já apontado anteriormente em referência a Lehmann (2008: 9). O conceito de produtividade também costuma estar associado, na literatura, às frequências *token* (frequência de ocorrência de uma dada unidade/construção ao longo da amostra; de valor quantitativo) e *type* (frequência de tipo, que corresponde à diversidade de entradas de dicionário de um padrão particular; de valor qualitativo) (Bybee 2003; 2010: 67, 95-96) e ao aumento da gama colocacional nos *slots* que compõem um esquema de uma construção (Himmelman 2004: 32-33). Assim, uma construção seria mais produtiva se aumentasse sua frequência e contexto de uso e se se abrisse a novas possibilidades de preenchimento de suas lacunas, ou seja, se expandisse suas frequências de ocorrência e de tipo.

A composicionalidade, por sua vez, é entendida em termos de congruência ou falta de correspondência entre aspectos da forma e do significado, levando em conta aspectos semânticos (o significado das partes e do todo) e propriedades combinatórias do componente sintático: “o significado de uma expressão é uma função do significado de suas partes e da maneira como elas estão sintaticamente combinadas” (Partee 1984: 281, *apud* Traugott & Trousdale 2013: 19- tradução nossa⁴). Assim sendo, uma construção é entendida como mais composicional quando se pode computar mais claramente a soma dos valores individuais de suas partes para o cômputo do sentido final do seu todo. Por outro lado, seria menos composicional se se identificam faltas de correspondências semântico-sintáticas entre o significado das partes e o significado do todo. Também pode ser pensada em termos de perda de analisabilidade, que, para Traugott & Trousdale (2013: 20), funciona como um subtipo da composicionalidade⁵.

Analyzability, unlike compositionality, is not primarily associated with the imputed match of the meaning of whole across the meaning of the parts of a composite expression. Rather, it is concerned with the extent to which speakers recognize, and treat distinctly, those component parts. (Traugott & Trousdale 2013: 20)⁶

A interpretação que se faz desses conceitos para a averiguação do processo da mudança é a de que o avanço da mudança está associado ao aumento de esquemati-

4. No original: “the meaning of an expression is a function of the meanings of its parts and the way they are syntactically combined”. (Partee 1984: 281, *apud* Traugott & Trousdale 2013: 19)

5. Cf. Bybee (2003, 2010).

6. “A analisabilidade, ao contrário da composicionalidade, não está primariamente associada ao cômputo do significado do todo através do significado das partes de uma expressão composta. Em vez disso, avalia com que extensão o falante reconhece e trata distintamente cada parte componente da construção” (Traugott & Trousdale 2013: 20- [Tradução nossa]).

dade e de produtividade da construção e à conseqüente diminuição de sua composicionalidade (Traugott & Trousdale 2013: 112-113). Em outros termos, a construção em avanço de mudança se torna mais frequente, amplia seu escopo de uso e perde certas restrições. Isso é percebido pela ocorrência/seleção de elementos mais variados para preencher seus *slots*, bem como pelo abarcamento de novas construções na rede. Também é verificado quando os constituintes da construção deixam cada vez mais de ser enxergados como partes de um arranjo de elementos combinados, para serem entendidos em seu todo, como um bloco único.

No que diz respeito ao conceito de perífrase verbal, cumpre apontar, em linhas gerais, a abordagem adotada neste trabalho. Aqui a perífrase é entendida como a combinação de um verbo auxiliar (V1) com um verbo principal (V2), em uma de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) (Coelho 2006: 69; Travaglia 2015: 181), em que o verbo auxiliar é responsável pela expressão das informações gramaticais (tempo, pessoa, número, modo) e o principal pela semântica da ação verbal, formando um bloco integrado de forma e função, ou seja, “presentan *unidade formal* e teñen unha *significación conxunta*”, Álvarez & Xove (2002: 404).

Quanto à avaliação dos auxiliares e, em conseqüência, das perífrases verdadeiras, não é ponto consensual entre os estudiosos, havendo diversificadas propostas⁷ de testes de ordem sintático-semânticos para averiguação da integração do complexo verbal e assunção dos casos perifrásticos. Em vista disso, são observados na literatura, de um lado, grupos de perífrases extremamente abertos e, de outro, demasiadamente fechados (Rojo 1974: 28). Dentre os critérios para esta delimitação, estão os testes de apagamento/omissão de V2 (por meio da estratégia de interrogação, por exemplo), substituição pronominal de V2 (comutação), passivização, observação de restrições na seleção de argumentos ou no compartilhamento de sujeito por V1 e V2, esvaziamento semântico do auxiliar, constatação de casos ambíguos e outros, como apontam diferentes autores, a exemplo de Rojo (1974: 28), Olbertz (1998: 166) e Freixeiro Mato (2002).

No entanto, dentro da perspectiva teórica adotada neste trabalho, que toma a perífrase verbal como uma *construção perifrástica*⁸, são adotados parâmetros de análise próprios para verificação de constituição de uma construção, quais sejam: níveis de esquematicidade, composicionalidade e produtividade. No caso específico da verificação da unidade perifrástica da construção, a composicionalidade se mostra um fator determinante, correspondente mais diretamente aos testes de validação das perífrases referenciados anteriormente, que também são assumidos neste trabalho, mas como recursos auxiliares à análise. Mais adiante detalham-se alguns procedimentos

7. Dentre esses trabalhos, destacam-se, no português, as propostas de Lobato (1975), Longo (1990), Serrone (1992), Heine (1993), Gonçalves (1996) e Viera (2004).

8. O termo *construção* está sendo empregado de modo técnico, em referência ao conceito adotado no modelo de Traugott & Trousdale (2013), logo, fora de seu sentido genérico, corrente.

comumente empregados para verificação de composicionalidade de uma construção, e que foram adotados neste estudo.

Já com relação ao aspecto, esse trabalho segue a classificação proposta por Castilho (1968: 14, 51) e Travaglia (2015:84), para os quais o aspecto verbal se caracteriza como acabado (perfectivo) ou inacabado (imperfectivo), sendo este último, foco deste trabalho, subdividido ainda em inceptivo (duração vista em seu início), cursivo (duração vista em seu meio) e terminativo (duração vista em seu término). Nas construções aqui classificadas como imperfectivas cursivas, a duração da ação verbal se apresenta em curso, em desenvolvimento, não se conhecem os limites da ação (início e fim). O aspecto cursivo é tomado, então, na visão desses autores e na deste trabalho, como uma qualidade do tempo que caracteriza a duração de uma ação verbal, se relacionando, portanto, à situação interna da ação verbal. Para este último uso, a literatura galega fala, porém, apenas em aspecto imperfectivo (Freixeiro Mato 2002: 274) ou em imperfectivo durativo (Rojo 1974: 102; Osório & Vázquez Diéguez 2018: 88). Apesar dessas especificações terminológicas, a interpretação semântica dos dados permite dizer que esses casos são equivalentes, como também provam as palavras de Rojo (1974: 102-103): “*estar + gerúndio expresa una acción que posee aspecto imperfectivo, que se está desarrollando en el momento del que se habla.*”. Ainda segundo este autor:

Tienen aspecto imperfectivo aquellas formas verbales que expresan la acción en su duración, en cuanto procesos que se están desarrollando o son considerados de este modo en el momento a que se refiere el hablante. Las construcciones perifrásticas que expresan primariamente aspecto imperfectivo en gallego pueden dividirse en dos grandes grupos: a) auxiliar + gerúndio [...] e b) auxiliar + a+ infinitivo. (Rojo 1974: 101)

Para Rojo, no primeiro grupo das perífrases imperfectivas de valor durativo, estariam os auxiliares *estar* (estado), *andar*, *levar*, *ir*, *vir* (movimento) e *seguir* (contínuativo); já no segundo, estariam os auxiliares *estar*, *andar*, *seguir*, *ser* (Rojo 1974: 101, 102). Porém, como mostrado na introdução deste texto, este trabalho focalizará apenas as imperfectivas (cursivas) formadas pelos auxiliares estativos, *estar* e *ficar*, combinados ao gerúndio.

Desse modo, construções foco deste estudo, como “estou lendo um livro” ou “fico lendo o livro”, são classificadas como construções perifrásticas marcadoras de aspecto imperfectivo cursivo, pois a combinação dos auxiliares *estar/ficar* com os verbos principais no gerúndio forma um “todo” responsável por expressar que a ação verbal está em seu curso, isto é, não se concluiu e se desconhecem o seu início ou fim.

3. Metodologia

A análise deste trabalho se baseia numa abordagem mista, quantitativa e qualitativa, tendo a primeira o papel de apoiar esta última, foco deste trabalho. Essa análise se deu a partir da coleta de dados reais do galego e de considerações da literatura dessa língua para o fenômeno em questão. Ela se centra num recorte temporal mais recente, especificamente nos séculos XX e XXI, pois neste período a construcionalização dessas construções em análise já havia se processado no português (Oliveira 2018), estando elas, então, em fase de mudança construcional (pós-construcionalização). Também por se acreditar que, nesta época, se possa falar com mais segurança em textos escritos tipicamente brasileiros, o que permite fazer a comparação aqui pretendida entre o uso da construção perifrástica no Brasil e na Galícia.

Os dados do galego foram coletados em amostras de dois bancos de texto, o *Tesouro Informatizado da língua galega* (TILG) e o *Corpus de referencia do galego actual* (CORGA). É importante lembrar que esses *corpora* são formados por diferentes gêneros textuais escritos, o que pode limitar a comparação entre essas cronologias.

Segundo informações da própria base do corpus, o TILG (versão 4.1) corresponde a um corpus histórico de textos da língua galega produzidos entre 1612 e 2013 (século XVII ao XXI), compreendendo, portanto, a Idade Moderna e Contemporânea. Foi desenvolvido pelo Instituto de Língua Galega com o financiamento da Direção geral de Política Linguística da Xunta de Galicia. Segue o modelo de busca de palavras, podendo ser por lemas/ elementos gramaticais ou palavras gráficas, o qual permite coletar dados refinados quanto às suas anotações morfossintáticas. A seleção dos dados foi feita por um século inteiro, do primeiro ao seu último ano (Ex.: 1901-2000), a partir da busca por *estar/ficar* em suas diferentes conjugações. A etapa seguinte foi selecionar 3.800 ocorrências de cada um deles por século. Dessas ocorrências foram levantados todos os casos em que eles eram seguidos de gerúndio, e selecionados para a análise apenas aqueles que correspondessem a construções perifrásticas.

O CORGA corresponde, por sua vez, a um corpus documental de textos representativos da língua galega atual, do período de 1975 até 2016 (séculos XX e XXI), que permite coletar dados por diferentes meios de busca (palavras ortográficas, elementos gramaticais, lemas, hiperlemas e outros). Este *corpus* foi utilizado nesta análise apenas para o século XXI (de 2001 até 2016).

O método utilizado para identificação dos dados foi a *busca de palavras ortográficas*, que, como já sinalizado, ficou restrita a 3.800 ocorrências⁹ de *estar* ou *ficar* por século, em suas diferentes conjugações verbais, somando 7.600 dados de cada um deles, dos quais se selecionaram as construções em análise. Já os resultados dessa busca foram organizados a partir do critério de concordância.

9. Este recorte se deu pelo fato de só encontrarmos 3840 ocorrências de *ficar* no século XXI (2001-2016) nas amostras analisadas.

Para o tratamento quantitativo dos dados, recorreu-se ao *programa R* (versão 3.4.2), que foi empregado neste primeiro momento somente para o levantamento das ocorrências e apresentação das porcentagens para cada fator analisado. Seus resultados serão apresentados apenas para fins ilustrativos, de modo a auxiliarem a análise qualitativa aqui proposta. Por esta razão também, a verificação da relevância da atuação de cada elemento característico das alterações da construção será feita apenas em linhas gerais, a partir do que os valores percentuais e absolutos permitirem inferir.

Quanto à análise do fenômeno, é de se esperar, dado o fato de a construção corresponder a composições verbais, que uma alteração em posições argumentais possa ajudar a explicar as mudanças dessas construções. Perda de restrições na seleção do sujeito quanto à sua animacidade, por exemplo, pode indicar ampliação de escopo de uso dessas construções e, conseqüentemente, avanço no processo de mudança e expansão da rede construcional em análise. Uma seleção mais rica de tipos semânticos na posição do verbo principal da construção perifrástica também pode apontar para extensão de uso da construção, e maior esquematicidade da mesma, o que também sinaliza para adiantamento no processo de mudança. A ausência de elementos intervenientes entre as partes que constituem a construção pode, ainda, indicar maior integração entre elas, que passam cada vez mais a serem entendidas como um bloco único (uma construção). Em outras palavras, pode revelar, neste último caso, uma perda de composicionalidade, um dos requisitos para se atestar o avanço da mudança linguística. Nos primeiros casos, haveria também um aumento de produtividade nos termos de Himmelman (2004), tendo em vista o alargamento de uso da construção, o que também tem sido apontado como um indicativo de progresso da mudança.

Para finalizar esta seção, cumpre salientar alguns aspectos de natureza formal que serão adotados no tratamento dos exemplos ao longo deste texto. As perífrases serão destacadas em cada caso em *itálico* e o fator em análise no momento virá em **negrito**. Havendo um terceiro fator a se destacar, este virá sublinhado e especificado na discussão do exemplo.

4. Categorias de análise

Cabe aqui apresentar brevemente os fatores utilizados para a observação das alterações de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções, e, conseqüentemente, avaliação de seu processo de mudança, como se discutiu anteriormente.

A classificação dos verbos em tipos semânticos partiu da proposta de Sigiliano (2013: 126), que dividia os verbos em treze categorias: manipulativos (Ex.: *ordenar, persuadir*), desiderativos (Ex.: *querer, desejar*), perceptivos (Ex.: *ver, sentir*), processo mental (Ex.: *saber, compreender*), atitude proposicional (Ex.: *achar, acreditar*), de

elocução (Ex.: *dizer, falar*), de deslocamento (Ex.: *ir, entrar, andar*), de ação (Ex.: *fazer, pegar*), estativo atributivo (Ex.: *ser*, Ex.: *estar, ficar*), fenómeno da natureza (Ex.: *chover, ventar*), mudança de estado (Ex.: *secar, passar o tempo*), de sentimento (Ex.: *amar, odiar*) e emotivo (Ex.: *chorar, entristecer*). Entretanto, dadas as adaptações necessárias a este trabalho, resultou em quatro conjuntos de tipos semânticos verbais que compartilhassem entre si certas semelhanças mais gerais: cognitivos, estativos, de deslocamento/mudança de estado e de ação, exemplificados a seguir:

- (1) ¿E non decías que *estabas estudiando*? (Teatro em prosa / 1914- TILG- Séc. XX) [AÇÃO]
- (2) Os mais *ficaban traballando* os eidos. (Novela / 1928- TILG- Séc. XX) [AÇÃO]
- (3) Bota outra rolda, Eusebio, que *estamos quedando* secos. Mira eses pobres da obra de aí en fronte. (Novela / 2002-TILG- Séc. XXI) [ESTATIVO]
- (4) Ficarei *agardando* a resposta no domingo. (Poesia de autor / 1987- TILG- Séc. XX) [ESTATIVO]
- (5) Estaba *deseando* chegar á súa casaña pr'apestar ó curandeiro [...]. (Relato curto / 1908- TILG- Séc. XX) [COGNITIVO]
- (6) [...] que pinga a campá do ceo *ficou chorando* no campo o enorme e viúdo. (Poesia de autor/ 1928- TILG-Séc. XX) [COGNITIVO]
- (7) [...] ¿Viches por aí ó meu fillo? ... ¿qué dis? ... ¿qu' *estaba saíndo* da taberna da Vitorian? [...]. (Relato curto / 1901- TILG- Séc. XX) [DESLOCAMENTO]
- (8) [...] -Non tremas, medorento, que desta non vas parir - dille meu pai ao diasco, que non se fintaba moito do irmán. - Parir non ... Pro non anceio *ficar amolecendo* aí todo o inverno ... [...]. (Novela / 1973- TILG- Séc. XX) [DESLOCAMENTO/mudança de estado]¹⁰.

Nesta nova categorização, que partiu da interpretação semântica dos verbos nos contextos de uso, os tipos foram agrupados segundo suas semelhanças de comportamento, o que, inevitavelmente, abriu espaço para exemplos menos prototípicos, sobretudo se se considera a hipótese de que a redução do número de categorias resulte em maior dificuldade de agrupamento de membros que compartilhem muitas características comuns. Isso pressupõe classes mais abertas, com constituintes mais variados entre si. Isto significa uma divisão gradativa, o que faz com que verbos como *estudar* se aproximem tanto dos tipos ação (por se tratar do ato de um sujeito agenti-

10. Não foi encontrado nenhum caso de perífrase verdadeira de *ficar* com V2 de deslocamento físico-espacial. Nessas ocorrências, *ficar* e *gerúndio* pareciam ter usos independentes: “[...] Entón a xente deixaría de *ficar* ao lonxe, *alonzándose*, para voltar ao seu lar e deschiur as portas [...]”. (Novela / 1981- TILG- Séc. XX).

vo de realizar uma tarefa: estudar uma matéria, um assunto ou material) quanto dos cognitivos (pelo resultado ou efeito do ato de estudar: saber, compreender, entender).

Segundo essa classificação, sob o rótulo de *cognitivos* estão os desiderativos, processos mentais, atitudinais, sentimentais, emotivos, perceptivos, comportamentais, manipulativos e de elocução, por se referirem, em alguma medida, a processos cognitivos mais gerais. Os tipos posse, existenciais e estativos se agruparam no tipo *estativo*, por remeterem a estados, à permanência do sujeito. Também foram condensados os tipos “mudança de estado” e “deslocamento”, formando a terceira categoria (*deslocamento/mudança de estado*). Verbos desse tipo, em oposição aos estativos, remetem a movimento, mudança, ao deslocamento físico ou de estado. No quarto e último grupo, ficaram os verbos do tipo *ação*, que correspondem, na classificação de Halliday & Matthiessen (2004), aos processos materiais. Equivalem a situações em que um agente (sujeito/ator) realiza uma ação, podendo haver, ainda, uma meta (objeto/complemento) nesse processo, como em: “O homem (ator) fez (ação) a comida (meta)”.

Já o critério de animacidade é tomado aqui com referência à noção de agentividade. Agentividade é um conceito amplo e ainda pouco consensual na literatura, geralmente tratado em oposição à ideia de passividade. Fazemos referência neste trabalho à ideia mais geral de agentividade, vista sob seu aspecto semântico, que se refere ao papel ativo do sujeito da frase em relação à noção expressa pelo verbo. Assim, sujeitos mais agentivos seriam aqueles que desempenham, controlam uma ação ou produzem um efeito. A partir desta divisão, haveria o grupo de sujeitos [- animados], como em (9) e (10), e o dos [+animados], (11) e (12).

- (9) S’era torto, ou era dreito. Cando á costa chegamos, Ond’o lugar se perdía; Sentate, mira o zoán, Que xa *está chegand’o* día. (Poesia de autor / 1911- TILG- Séc. XX)
- (10) A colleita que *ía* para bo ano *fica poñendo* a miseria nos ollos [...]. (Novela / 1986-TILG- Séc. XX)
- (11) [...] O que fixen ou *estou facendo*, como a Escola de Belas Artes ou o Mercado de Abastos, son o resultado de gañar concursos. (Jornal / 2001- COR-GA-Séc. XXI)
- (12) Despois de moitas horas pelidando un co outro quedamos en que iría un ver ó bispo mentres o outro *ficaba vixiando*. (Novela / 1984- TILG-Séc. XX)

Como é possível verificar em (9) e (10), os seus respectivos sujeitos, *o día* e *a colleita*, são inanimados, não humanos e não agentivos, correspondendo, portanto, à categoria dos [-animados] na classificação deste trabalho. Por outro lado, os sujeitos de (11) e (12), respectivamente *eu* (oculto/desinencial) e *o outro*, são animados, de natureza [+humana] e agentivos, recebendo, então, a classificação de [+ animados] neste trabalho.

Além disso, sob o rótulo “outros” foram reunidos os casos de oração sem sujeito e de sujeito indeterminado (mesmo que este último aponte para um valor [+animado]), que, apesar de não serem o foco desta análise, permitem observar também expansões/restrições da perífrase.

O fator *material interveniente*, por sua vez, tem sido usado nos estudos, a exemplo de Travaglia (2007) e Tavares (2018), para revelar níveis de integração de uma construção, e a leitura automatizada (conjunta) ou somatória (composicional) das partes que a compõe. Diferentes elementos morfológicos e de diferentes tamanhos (extensão gráfico-fonológica) podem ocorrer entre V1 e V2 separando os elementos da perífrase. A depender da extensão (número de sílabas) e da natureza morfossintática desses elementos (oblíquos, sintagmas, orações intercaladas, sujeito, circunstanciais de lugar, tempo, modo etc.), a leitura perifrástica se enfraquece ou não, ou seja, a significação do complexo verbal se revela mais disjunta ou conjunta.

Na análise deste fator, não se esperam grandes orações intercalando os elementos da perífrase, o que tenderia a enfraquecer a leitura perifrástica, mas sim elementos de pequena extensão silábica (até 2 sílabas), como clíticos (15). Esse número de elementos, porém, não é categórico, já que a análise se dá mais por uma interpretação semântica (manutenção ou não da leitura perifrástica), somada à observação da natureza morfossintática desse material.

Estudos anteriores na área, como Travaglia (2007) e Tavares (2018), têm revelado que quanto maior a integração e leitura conjunta da perífrase menor a possibilidade de sua interrupção, e que elementos que remetam a contextos anteriores ao da nova construção também são menos esperados. No caso das perífrases em análise neste trabalho, esses elementos seriam os de natureza adverbial, sobretudo locativos, e de maior extensão morfofonológica, pois apontam para usos anteriores ao perifrástico, sendo interpretados como possíveis argumentos de *estar* e *ficar* em seus empregos iniciais (relacionais de lugar, tempo, modo etc.). Isso permitiria que esses verbos fossem vistos de forma autônoma/disjunta em relação ao gerúndio. Logo, a menor ocorrência de elementos dessa natureza nas construções em análise pode indicar que elas estejam mais consolidadas, enquanto perífrases, na língua.

Nos exemplos abaixo, é possível notar uma relação entre a natureza do material e a leitura mais ou menos ambígua da construção entre uma estrutura complexa (nuclear + oração hipotática/ reduzida adverbial) e uma simples (construção perifrástica). Nas construções com elemento interveniente de natureza circunstancial (lugar, modo, tempo, por exemplo), como ocorre mais frequentemente com [*ficar* + *X-ndo*]_{cursivo}, a ambiguidade se intensifica, levando a uma leitura de duas orações justapostas. Isso mostra que nesses casos há maior composicionalidade na construção, ou seja, retração do processo de mudança. Os dados (13) e (14) mostram esses casos por meio da interrupção da perífrase por uma locução adverbial de lugar composta por dois elementos que totalizam quatro sílabas em (13) e por uma locução prepositiva de modo em (14), que, apesar de pequena extensão (duas sílabas), remete ao contexto relacional de *ficar*.

- (13) O pequeno Daniel, *fica* na cantina *atesourando* o segredo, recuperando a melancolía homicida das imaxes arrepiantes. (Novela / 2001- CORGA- Séc. XXI)
- (14) A Esther, ao entrar, *fica* de pé *mirando* para os dous [...]. (Novela / 1986- TILG- Séc. XX)

Se, por outro lado, o elemento interveniente é un clítico acusativo, como em (15), reflexivo/dativo (16), partícula apassivadora ou sujeito, casos predominantes nas construcións de *estar*, como mostran os exemplos a seguir, a lectura do gerúndio como parte de una construción perifrástica é mantida, desfazendo-se possíveis ambigüidades, sobretudo em línguas como o galego, que permiten, con frecuencia, a posposición do sujeito ou a unión do clítico ao verbo auxiliar.

- (15) *Estouno desexando*. (Novela / 2001-CORGA- Séc. XXI)
- (16) [...] Algún *estarase preguntando* como se pode poñer alguén a investigar estas cousas. (Ensaio / 2011- CORGA-Séc. XXI)

5. Resultados

A estrutura *estar/ficar* + gerúndio, a par de una lectura de construción de aspecto cursivo, integra diferentes construcións: una oración complexa formada por una oración principal seguida de una reducida adverbial de gerúndio, e una estrutura ambígua, que apunta tanto para lectura de dúas oracións justapostas (dúas construcións independentes) quanto para una construción perifrástica (un único bloco, una unidade). Quanto aos casos ambíguos, também já foram sinalizados na literatura desta língua:

En el uso moderno, hemos de señalar en primer lugar la posibilidad de la disociación. En este tipo de construcciones, el auxiliar *estar* tiene un valor plenamente estativo con respecto a una determinación y, al mismo tempo, incide sobre un gerundio constituyendo perífrasis. Esta determinación puede ser espacial, como en: Fun en procura do Lombo de palla e do Daniel, que *estaban* na cociña *falando* coas mulleres. (*Á lus do candil*, 50). También puede ser temporal: Veu medrar á cidade. Entrou nela de corazón. *Estivo* corentesete anos *aprendéndoa*. (*H. de emigrantes*, 14). O de otros tipos: Meu moción foise lonxe / a gañar pró casamento; / *este* morto ou *traballando*, / quedou no meu pensamento. (*C. sociais*, número 17) [...] Lo más corrientemente expresado es un aspecto imperfectivo referido a procesos de duración relativamente corta. (Rojo 1974: 103)

Por essa razão, ainda no período atual, são atestados casos nitidamente anteriores aos perifrásticos nas duas línguas em análise, como em (17), no qual é possível interpretar o gerúndio como um modificador de *fica*, e não como um V2 de uma perifrástica, assim como ambíguos ((18) e (21)) ou, ainda, exemplos prototípicos de uma construção perifrástica cursiva de gerúndio já consolidada ((19) e (22)), como se observa a seguir.

- (17) Gabriel *fica* a masticar a galleta *ollando* fixo para Luz [...]. (Obra de teatro / 2005- CORGA- Séc. XXI)
- (18) O policía afástase un par de pasos e *fica* calado *mirando* como o celador sae tras dela pola porta arrastrando o maquinucho ruidoso. (Obra de teatro / 2006- CORGA- Séc. XXI) [AMBÍGUO]
- (19) Os mais *ficaban traballando* os eidos. (Novela / 1928- TILG- Séc. XX)
- (20) *Ali están*, el e máis ela, *falando* normalmente, tan serios eles, tan recatados e, de súpeto ... ¡ veña! desmelénanse e pónense a cantar. [...]. (Obra de teatro / 2005- CORGA- Séc. XXI)
- (21) O cabaleiro, que se lle conoía que *estaba* alí *ardendo* desde vira atravesar as dúas sombras [...]. (Novela / 1905- TILG- Séc. XX) [AMBÍGUO]
- (22) Facerás ben, e non tardes que xa debe *estar chegando*. (Teatro em prosa / 1917- TILG- Séc. XX)

É possível observar com esses dados que não é tarefa tão simples distinguir os casos de oração complexa ((17) e (20)) e ambíguas ((18) e (21)) daqueles de oração simples (perífrase cursiva de gerúndio) ((19) e (22)), sobretudo em função da presença de elementos intervenientes entre V1 e V2, o que sugere etapas intermediárias à formação da perífrase. Parece haver, portanto, um contínuo entre esses três grupos (oração complexa>casos ambíguos>construções perifrásticas cursivas) e a sinalização do possível caminho precedente dessas perifrásticas.

5.1. Tipo semântico de V2

Com relação aos tipos semânticos de V2, a análise aponta para um uso mais recorrente de verbos de ação e cognição em ambas as construções em comparação com os demais tipos. É verificável, no entanto, no século atual, uma espécie de distribuição particular desses dois tipos em cada construção, predominando o *cognitivo* na construção [*fica* + X-ndo]_{cursivo} e o *ação* na construção [*estar* + X-ndo]_{cursivo}, como revela o Quadro 1.

| Tipo de V2 | [ESTAR + X-NDO] | | | | [FICAR + X-NDO] | | | |
|----------------|-----------------|-------|-----|-------|-----------------|-------|-----|-------|
| | XX | | XXI | | XX | | XXI | |
| | FA | % | FA | % | FA | % | FA | % |
| Ação | 188 | 39,2% | 177 | 49,4% | 51 | 40,8% | 17 | 29,8% |
| Estado | 64 | 13,4% | 69 | 19,3% | 14 | 11,2% | 10 | 17,5% |
| Cognição | 201 | 41,9% | 86 | 24% | 59 | 47,2% | 30 | 52,6% |
| Deslocamento | 26 | 5,4% | 26 | 7,3% | 1 | 0,8% | 0 | - |
| Total de dados | 479 | | 358 | | 125 | | 57 | |

Quadro 1. Tipo semântico de V2 em galego¹¹ (adaptado de Oliveira 2018: 221).

Os dados mostram que, inicialmente, todos os tipos poderiam ocorrer com ambas as construções. Na passagem de um século a outro, porém, essa distribuição foi se rearranjando. Nas construções com *estar*, houve um aumento de uso, em termos percentuais, dos tipos *ação*, *estado* e *deslocamento*, e diminuição (de quase 18%) de emprego do *cognitivo*. Com relação à construção com *ficar*, este aumento se deu com os tipos *estado* e *cognitivo*, e a diminuição, com os de *deslocamento* e *ação*, sobretudo este último, que teve uma queda de 10,7% de seu emprego de um século a outro.

Comparativamente, nas construções com *estar*, enquanto o tipo *ação* aumentou sua ocorrência, o *cognitivo* reduziu, ao passo que, nas construções com *ficar*, ocorreu o inverso: o *cognitivo* aumentou enquanto o *ação* reduziu seu emprego na passagem de um século a outro. Além disso, foi notada uma restrição de uso de verbos de *deslocamento/mudança de estado* com a construção com *ficar* (apenas uma ocorrência e somente no século XX, sendo esta do tipo *mudança de estado* (08). Uma separação desta categoria verbal reforçaria ainda mais a aparente restrição de seleção desta construção quanto aos verbos de movimento, sinalizando uma conservação maior da semântica original de *ficar* (estativo), e, portanto, pouco avanço de mudança em termos de composicionalidade.

Em termos qualitativos, uma diferença mais expressiva pôde ser percebida entre essas construções. É o caso do emprego de certos verbos em particular, sobretudo do tipo *cognitivo*, como *saber*. Na construção com *ficar*, foi observado que a perífrase perde sua leitura cursiva quando preenchida por esse verbo e passa a significar ‘torna-se a partir daquele momento’/ ‘passe a saber’:

- (23) Hai razón, os números son repetitivos como no circo, mais *fique sabendo* que, naquela hora de viruxe do nordés e calor interno, naquel baño

11. FA = Frequência absoluta. Lembro aqui que os dados por século em cada quadro correspondem apenas aos casos perifrásticos identificados do total de ocorrências de cada verbo em seus múltiplos empregos. Por esta razão, a soma das ocorrências não totaliza 7.600.

xaponés de temperaturas extremas, a revelación [...]. (Relato curto / 2011-CORGA- Séc. XXI)

Neste exemplo, a leitura cursiva da perífrase é desfeita, e parece haver aqui um caso de *expressão idiomática*¹². Nas construções com *estar* este comportamento não foi verificado e a marcação cursiva foi mantida nesses contextos.

A leitura cursiva também parece se enfraquecer naquela construção em alguns casos em que o V2 é ocupado pelo verbo *ser*, recebendo uma interpretação de ‘tornar-se a partir daquele momento’, ‘passar a ser’, ou seja, de transformação ou mudança de estado:

- (24) [...] Noticia terrible, acaso tan terrible como a morte da súa nai. Sentiu como ficaba na máis fonda soidade. Sen ninguén con quen falar, sen ningún amigo ao que acudir. E era, sen dúbida, o final dunha etapa. Despois daquilo o seu pasado *ficaba sendo* un bosque mesto e escuro que xa non podería compartir con ninguén. (Novela / 1990- TILG- Séc. XX)

Se, por um lado, as construções perifrásticas de *ficar* apresentam certas restrições de uso nesse ambiente, as de *estar*, em contrapartida, revelam ampliação de seu rol de contextos de ocorrência. Confrontando essas duas construções, é verificável um alargamento do contexto sintático desta última com a possibilidade de inclusão de um modal do tipo epistêmico¹³ na sua posição à esquerda, como visto a seguir:

- (25) Outra, o demonio que tal truxo, debe *estar ardendo* no inferno. (Relato curto / 1901- TILG- Séc. XX)

Neste exemplo, a colocação do modal *debe* encabeçando a perifrástica de *estar* permite dizer que ela pode estar avançando na direção da mudança em relação à construção com *ficar*, que não apresentou dados dentro desse mesmo contexto na amostra analisada. Não significa, porém, que dados como esse não sejam admitidos nesta língua com esta construção, mas que sua baixa recorrência de uso aponta para sua pouca produtividade em variados contextos.

12. Termo entendido aqui como “construção cristalizada”, que corresponde a um sentido convencionalizado para uma expressão cujas partes não podem ser lidas literalmente, mas sim em seu todo, assumindo um sentido estabelecido socialmente pelo grupo de fala que a emprega. Trata-se de expressões típicas de determinada região, que geralmente não podem ser traduzidas literalmente.

13. Segundo Palmer (1979; 1986), os modalizadores podem ser distribuídos em deónticos (obrigatoriedade, permissão ou proibição), epistêmicos (certeza, possibilidade, probabilidade) e dinâmicos (capacidade, habilidade).

Quanto à posição à direita da perífrase, os dados revelaram que as construções [*estar + X-ndo*]_{cursivo}, quando preenchidas por *ser* na posição V2, admitiam, além dos complementos SN (sintagmas nominais) e Sadj (sintagmas adjetivais), adjetivos de natureza deverbal, como no dado (26) abaixo, o que permitiu à construção a ocorrência numa estrutura de voz passiva mantendo a marcação aspectual cursiva, a exemplo de (26) e (27).

- (26) [...] E moitas obras galegas *están sendo traducidas* a varios idiomas. (Jornal / 2005- CORGA- Séc. XXI)
- (27) [...] O presidente Zardari evitara ata agora ratificar un pacto que tamén *está sendo duramente criticado* tanto dentro de Paquistán como por parte da comunidade internacional. (Jornal / 2009- CORGA- Séc. XXI)

Em (27), fica ainda mais clara a leitura passiva da estrutura, dada a presença de um agente da passiva (“*por parte da comunidade internacional*”), compondo uma estrutura típica de construção passiva.

5.2. Animacidade do sujeito

No que diz respeito à animacidade do sujeito, a análise revelou uma predominância do [+animado], tanto com as construções de *estar* (93% de uso no Séc. XX e 82% no Séc. XXI) quanto com as de *ficar* (92% e 93% de ocorrência nos séculos XX e XXI respectivamente), como mostra o Quadro 2 a seguir, apesar de a construção com *estar* apontar para uma maior flexibilização do preenchimento do sujeito na passagem de um século a outro.

| Animacidade do Sujeito | [ESTAR + X-NDO] | | | | [FICAR + X-NDO] | | | |
|------------------------|-----------------|-----|-----|------|-----------------|----|-----|----|
| | XX | | XXI | | XX | | XXI | |
| | FA | % | FA | % | FA | % | FA | % |
| [+animado] | 445 | 93 | 293 | 82 | 115 | 92 | 53 | 93 |
| [-animado] | 33 | 6,8 | 44 | 12,3 | 10 | 8 | 4 | 7 |
| Outros | 1 | 0,2 | 21 | 5,8 | 0 | - | 0 | - |
| Total de dados | 479 | | 358 | | 125 | | 57 | |

Quadro 2. Animacidade do sujeito em galego.

5.3. Material interveniente

No que se refere ao fator *material interveniente*, o Quadro 3 a seguir revela que sua presença foi mais atestada na construção $[ficar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$, com 27,2% de casos no século XX e 31,6% no XXI, o que pode indicar um grau mais elevado de composicionalidade dessa construção em comparação à $[estar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$, que apresentou, no mesmo período, uma taxa menor de emprego, 13,2 % e 18,4% nos respectivos séculos. É preciso ressaltar novamente que o grau da composicionalidade está associado nesses casos à possibilidade de leitura composicional, em que se somam os valores de cada uma das partes para o cômputo do valor final da construção, anulando ou enfraquecendo sua leitura perifrástica/conjunta.

| Material interveniente | [ESTAR + X-NDO] | | | | [FICAR + X-NDO] | | | |
|------------------------|-----------------|------|-----|------|-----------------|------|-----|------|
| | XX | | XXI | | XX | | XXI | |
| | F.A | % | F.A | % | F.A | % | F.A | % |
| Presença | 63 | 13,2 | 66 | 18,4 | 34 | 27,2 | 18 | 31,6 |
| Ausência | 416 | 86,7 | 292 | 81,6 | 91 | 72,8 | 39 | 68,4 |
| Total de dados | 479 | | 358 | | 125 | | 57 | |

Quadro 3. Material interveniente.

Quanto à natureza desse material, com $[estar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$, predominaram os clíticos, pronomes reflexivos (ambos de pequena extensão silábica. Ex.: *lle, no(a), me, che, te; se, me*) e os sujeitos, incluindo os pronominais. Já com $[ficar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$, prevaleceram os elementos de natureza adverbial, como circunstanciais de lugar, tempo e modo (geralmente de duas ou mais sílabas: “un momento”, “un intre”, “de pé”, “alí” e outros), havendo ainda muitos casos, no século XX, de adjetivos/particípios e sujeitos intercalando os elementos dessa construção, como se verifica, respectivamente, em (28) e (29) a seguir:

- (28) O silencio e mais eu *ficamos* calados *artellando* ensoños fanados ... alma nena ; A ti che prego [...]. (Poesia de autor / 1963-TILG-Séc. XX)
- (29) [...] De Campo redondo tiña de olláparo na parroquia máis próisima chegara xa arrebandando o cabalo para avisar que alí *ficaban* os visitantes *botando* unhas verbas aos que saíran a saudá-los. [...]. (Novela / 1951-TILG-Séc.XX)

Cabe chamar atenção também para a distribuição distinta dos tempos verbais nessas duas construções, que, apesar de não ser considerado previamente um fator de análise, revelou, no tratamento dos dados, certa sistematicidade de emprego, merecendo um

maior detalhamento nesta etapa da análise. Nas perífrásticas de *estar*, predominaram os tempos presente (com 65,3% no Séc. XX e 71,5% no Séc. XXI) e imperfeito (com 22,13% no Séc. XX e 21,2% no XXI), respectivamente, ao passo que, nas formadas por *ficar*, os tempos verbais predominantes foram o perfeito (com 37,6% no Séc. XX e 40,3% no Séc. XXI) e o presente (com 30,4% no Séc. XX e 36,8% no XXI), nesta ordem de recorrência de uso. Isso parece sugerir uma complementariedade de distribuição quanto a este fator entre essas duas construções, ajudando a delimitar os contextos típicos para o emprego de uma ou outra, que se alternam nessa língua, de modo geral, na marcação aspectual cursiva, como sumariza o Quadro 4.

| Tempos verbais | [ESTAR + X-NDO] | | | | [FICAR + X-NDO] | | | |
|----------------------|-----------------|------|-----|------|-----------------|------|-----|------|
| | XX | | XXI | | XX | | XXI | |
| | FA | % | FA | % | FA | % | FA | % |
| Presente | 313 | 65,3 | 256 | 71,5 | 38 | 30,4 | 21 | 36,8 |
| Pretérito perfeito | 28 | 5,8 | 4 | 1,1 | 47 | 37,6 | 23 | 40,3 |
| Pretérito imperfeito | 106 | 22,1 | 76 | 21,2 | 24 | 19,2 | 7 | 12,3 |
| Futuro | 7 | 1,5 | 19 | 5,3 | 7 | 5,6 | 6 | 10,5 |
| Outros | 25 | 5,2 | 3 | 0,9 | 9 | 7,2 | 0 | - |
| Total de dados | 479 | | 358 | | 125 | | 57 | |

Quadro 4. distribuição do tempo verbal nas construções perífrásticas de *estar* e *ficar*¹⁴.

6. Convergências e divergências entre o galego e o português do Brasil

A análise feita até aqui revelou, semelhantemente ao que foi atestado para o português em Oliveira (2018), certas restrições nas construções [*ficar* + X-ndo]_{cursivo} quanto ao uso de alguns verbos cognitivos em V2 (23), além de maior fragilidade da leitura cursiva dessa construção quando interrompida por determinados elementos (13). Ademais foi atestado, em ambas as línguas, a possibilidade de modalização da construção [*estar* + X-ndo]_{cursivo} (26), embora bem menos recorrente e diversificada no galego.

No PB, além de frequentes, os casos de modalização também se mostraram bem variados (*pode, deve, parece* etc.), o que pode ter favorecido a “abertura” da posição do modal para novos auxiliares, como o *ir*, no presente do indicativo, para expressar um novo tipo de modalização, a de “futuro epistêmico” (Oliveira 2018), como em: *vou estar*

14. Sob o rótulo “outros”, estão os casos de mais-que-perfeito ou de forma nominal, como em: “mais ;por que as ideas rexionalistas *han estar agardando* a que veña ninguén levá-las pra onde quixer? [...]” (Jornal / 1912-TILG- Séc. XX).

enviando, na qual a ação verbal é colocada em termos de possibilidade, o que a literatura chama de construções de *gerundismo*. Nesses casos, a construção parece ganhar um valor pragmático de protelação/postergação do cumprimento da ação verbal ou uma atitude de descomprometimento do falante quanto à execução, ao menos imediata, da ação, o que explicaria a avaliação negativa dessa construção na língua pelo senso comum e pelos compêndios gramaticais. Além disso, essa construção também é apontada na literatura como recurso para sinalizar polidez na fala (Possenti 2005), o que reforça, mais uma vez, a formação de um novo pareamento forma-significado.

Ainda cabe enfatizar que, à semelhança do português de Portugal, o galego também recorre, ainda que em menor grau, aos *types* [*estar+ a +infinitivo*] e [*ficar+ a +infinitivo*] para expressar o aspecto cursivo, contrariamente ao PB, que opta pela construção de gerúndio. Tal fato, como já sinalizado anteriormente, poderia ajudar a explicar por que o *gerundismo* é uma construção linguística tipicamente brasileira, “desconhecida” entre a maioria dos falantes do galego atual, indicando a maior esque-maticidade da construção [*estar + X-ndo*]_{cursivo} no PB.

A hipótese por trás dessa afirmação é a de que essa produtividade possa ter sido limitada, no galego, pela concorrência de emprego entre as construções cursivas com gerúndio e as cursivas com infinitivo gerundial, o que, inevitavelmente, diminuiria a frequência de uso da primeira, se comparada ao PB, que só realiza aquela. Essa consideração se apoia na crença de que a alta frequência de uso das construções de gerúndio no PB tenha permitido seu maior esvaziamento semântico, sua alta, frequente e diversificada modalização e, conseqüentemente, seu recrutamento para novos contextos, como o de *gerundismo*. Estudos na área também mostram que a frequência de uso de uma construção tem significativa importância para avanço de mudança linguística (Bybee 2003, 2010).

No que diz respeito à natureza do sujeito, foi constatado em ambas as línguas uma ampliação de uso dos [-animados] na construção [*estar + X-ndo*]_{cursivo} no século atual, de 6% no português e de 11,1% no galego, embora percentualmente este uso seja mais frequente no português, como mostra o Quadro 5 a seguir. Além disso, no século atual, sobretudo no português, como revelou Oliveira (2018), também foi verificada uma maior variedade tipológica dos sujeitos (diversificadas estratégias de indeterminação do sujeito, abrangência maior de casos com sujeito inexistente), como mostram os exemplos na sequência.

- (30) *Estase xogando* cos nosos dereitos, apuntou Ortega. (Jornal/ 2009- CORGA- Séc. XXI)
- (31) Díxenche que *estaban cambiando* a pechadura do Rexistro, ¿non?. (Novela / 2002- CORGA- Séc. XXI)
- (32) [...] As desigualdades sociais van incrementar” e o “conflito social” pode converterse nunha realidade como *está ocorrendo* en Grecia ou Francia. (Jornal / 2009- CORGA- Séc. XXI)

São identificadas, nesses exemplos, construções sem sujeito (32) e construções com sujeito indeterminado, pela presença do índice “se” (30) ou pelo verbo na 3ª pessoa do plural (31). Por outro lado, esses usos não foram atestados nas amostras para [ficar + X-ndo]_{cursivo} em nenhuma das duas línguas. Isso ilustra, principalmente em termos qualitativos, uma ampliação de uso das construções perifrásticas com *estar*, tendo em vista esse alargamento semântico-funcional(sintático) da categoria do *sujeito*.

Quanto ao tipo verbal, um ponto a ser destacado é a predominância dos estativos e dos verbos de ação, nas construções do português, sobretudo nas de *ficar*, ao passo que, no galego, há a predominância dos verbos de tipo cognitivo e ação. Além disso, diferentemente do português, foi identificado no galego um uso de V2 do tipo *deslocamento/mudança de estado* também na construção [ficar + X-ndo]_{cursivo}. Essa aparente restrição pode estar relacionada à natureza deste auxiliar, que pressupõe permanência, ausência de movimento. Além disso, este número poderia ser nulo se a classificação tipológica do verbo separasse os casos de mudança de estado dos de deslocamentos físico-espaciais.

Uma classificação mais detalhada dos tipos semânticos verbais e o levantamento de mais caracterizadores de uso dessas construções também poderiam apontar resultados mais pormenorizados dessas duas línguas quanto ao fenômeno estudado.

Já com relação à presença e natureza do material interveniente, os dados sugerem uma tolerância maior do galego à interrupção da perífrase, especialmente na de *ficar*, em termos de frequência *token*. Nessa língua, esses elementos também foram de maior extensão silábica/morfofonológica e remetiam aos usos originais de *ficar* e *estar*, o que será demonstrado com mais detalhes no quadro comparativo do galego e do português na sequência.

Outra diferença entre essas duas línguas, dentro do fenômeno investigado, concerne à quantidade e natureza do material que interrompe a sequência perifrástica no galego. No português, o percentual de inserção de elementos entre os itens da perífrase foi de 4,3% e 11,3% para as construções com *estar* nos séculos XX e XXI, respectivamente, e de 7,14% e 16,6% nas construções com *ficar* para este mesmo período. Já no galego, esses valores foram de 13,2% e 18,4% para as construções de *estar*, nos séculos XX e XXI, contra 27,2% (Séc. XX) e 31,6% (Séc. XXI) para as construções com *ficar*. É notório que não só é mais frequente a inserção de elementos na perífrase no galego, principalmente na construção com *ficar* e no século atual, como também há diferença na natureza desse material.

No português há pouca ocorrência de elementos intervenientes e, quando manifestados, costumam ser de pequena extensão morfofonológica / silábica. Predominam pronomes reflexivos, Sprep e alguns poucos clíticos. No galego, porém, além de mais recorrentes, são maiores em extensão silábica (maior número de morfemas), podendo incluir sintagmas nominais/adjetivais inteiros. É importante lembrar a discussão levantada anteriormente a respeito dos efeitos de leitura da construção, mais ou menos composicional, a depender da natureza morfológica deste material.

| Construções → Idiomas → Séculos → Fatores ↓ | | [ESTAR + X-NDO] | | | | [FICAR + X-NDO] | | | |
|--|--------------|--------------------------------|---|---|---|-----------------|-------------|--|---|
| | | PORTUGUÊS | | GALEGO | | PORTUGUÊS | | GALEGO | |
| | | XX | XXI | XX | XXI | XX | XXI | XX | XXI |
| Animacidade do sujeito | [+Animado] | 69% | 63% | 92,9% | 81,8% | 78,6% | 100% | 92% | 93% |
| Tipo de V2 | Ação | 57,8% | 47,3% | 39,2% | 49,4% | 84,6% | 20% | 40,8% | 29,8% |
| | Estativo | 26,7% | 27,6% | 13,4% | 19,3% | 15,4% | 60% | 11,2% | 17,5% |
| | Cognição | 9,5% | 18,2% | 41,9% | 24% | - | 20% | 47,2% | 52,6% |
| | Deslocamento | 6% | 7% | 5,4% | 7,3% | - | - | 0,8% | 0 |
| Material interveniente (dados/%) | [Presença] | 5 / 4,3% | 31 / 11,3% | 63 / 13,2% | 66 / 18,4% | 1 / 7,14% | 1 / 16,6% | 34 / 27,2% | 18 / 31,6% |
| Natureza do material | Tipo | OBJ (1/20%), PRON REFL (4/80%) | SADV, PRON REFL CONJ, OBJ OBL (7/ 22,6%), SUJ + OBJ | SADJ, SADV/ SPREP L, SADV/ SPREP T, SADV/ SPREP M, SADV AE, IIS, OBJ OBL (14/22%), PRON REFL (8/14%), SUJ/ SUJ PRON (4/20%) | ADJ, SADV/ SPREP L, SADV/ SPREP T, SADV M, IIS (8/12%), OBJ OBL (23/35%), PRON REFL (13/20%), SUJ/ SUJ PRON (8/12%) | SPREP L (1) | SPREP M (1) | ADJ (6/17,6%), SADV/ SPREP L (8/23,5%), SADV/ SPREP T (6/17,6%), SADV/ SPREP M (7/20,6%), SADV NEG, OBJ OBL, SUJ (5/14,7%) | ADJ, SADV/ SPREP L (8/ 44,4%), SADV/ SPREP T (7/39%), |
| Total de dados: | | 116 | 275 | 479 | 358 | 14 | 5 | 125 | 57 |

Quadro 5. Comparativo das construções perifrásticas de gerúndio no português brasileiro e no galego¹⁵ (adaptado de Oliveira 2018: 230).

No que tange à grande ocorrência de clíticos intercalando os itens da construção no galego, ela parece ser explicada por um traço característico dessa língua, já apontado por diversos estudos, que é a adoção da ênclise como posição canônica dos clíticos

15. SPREP- Sintagma preposicional; OBJ- objeto; PRON REFL- pronome reflexivo; SADV- sintagma adverbial; LOC CONJ- locução conjuntiva; M- modo; T- tempo; L- lugar; IIS- índice de indeterminação do sujeito; SUJ- sujeito; SADVNEG- sintagma adverbial de negação; SADVAF- sintagma adverbial de afirmação; OBL-oblíquos; ADJ- adjetivo; PRON-pronome.

em relação ao verbo na maioria das construções dessa língua, exceto os casos especiais, restritos a contextos muito específicos (Lopes Castro 2006: 93). Em contextos perifrásticos, estudos na área também apontam esta preferência do idioma: “Nas perífrases verbais co verbo auxiliar en xerúndio o pronome vai enclítico a este ou no lugar que lle corresponder co verbo auxiliar: *Estouno observando* / *Estou observándo*”. (Freixeiro Mato 2006: 174). O mesmo se observa em Álvarez (1996):

Nas oracións de infinitivo e xerúndio a posición normal é a énclise. Obsérvase isto tamén, como proceso a punto de concluír ou como tendencia moi marcada, en contextos en que a lingua antiga optaba pola próclise. [...] O único esquema en que segue sendo lixeiramente maioritaria a próclise, aínda que non cos niveis antigos, é aquel en que se combinan a presenza dunha preposición e o carácter negativo do predicado: *por non lle dicir nada*. (Álvarez 1996: 33)

Apesar de a ênclice ser também a posição recomendada pelas gramáticas da língua portuguesa, ela é rara no PB, sobretudo na fala espontânea. No galego, por outro lado, esses usos são correntes e naturais aos falantes, inclusive em situações menos monitoradas de fala (Lopes Castro 2006: 92).

Para Freixeiro Mato (2006), este traço que afasta o galego do português pode ser explicado pela influência do castelhano sobre aquela língua:

Certo é que o galego na maior parte das ocorrências permite a dupla possibilidade, próclise e énclice, e así se rexistra tanto na lingua oral como na escrita. Mais tamén é certo que a tendencia xeral cara á simplificación da opcionalidade arredor da énclice vén supor, máis unha vez, a confluencia coa solución castelá e o afastamento da tradición lingüística galego-portuguesa e da práctica dominante no português actual. (Freixeiro Mato 2006: 174-175)

Por fim, vale destacar outra singularidade da língua galega, atestada apenas em dois dados da amostra, particularmente em relação à construção [*estar* + X-ndo] cursivo, que se refere ao preenchimento do V2 pelo mesmo verbo do V1 [*estar* + *estando*]_{cursivo}, como mostram os exemplos a seguir, casos não atestados para o PB no estudo realizado.

- (33) O tío Vladimiro si, porque é especial, alguén que está aí sen estar e non *está estando*, híbrido de persoa e móbel, mais non podó seguir narrando igual. (Relato curto / 2006- CORGA- Séc. XXI)
- (34) Sen ir máis lonxe, hai unhas semanas resistían os golpes das ondas como podían e dedicábanse a tirarse os dossiers á cabeza sen recato ningún. Non é explicável como o fai o líder da dereita española. Parece que non *está es-*

tando, a resultas de que nunca estibo. Esta sería a frase que indicaría o xeito de facer política e sobrevivir de Mariano Rajoy. (Jornal/ 2009- CORGA-Séc. XXI)

Empregos como este podem configurar nesta língua, ainda, construções cristalizadas com valores bem específicos, o que precisa ser apurado com mais atenção em um estudo que trate com detalhes do emprego desses casos entre os seus falantes.

7. Considerações finais

Este trabalho mostrou que o quadro geral do fenômeno é similar nas duas línguas analisadas, apesar das particularidades identificadas em cada idioma. Sinalizou também que o galego apresenta resultado semelhante ao encontrado para o PB: o de que $[estar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$ tem um uso mais amplo, em termos de frequência *type*, no período contemporâneo, enquanto $[ficar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$ apresenta mais restrições combinatórias. Tais construções também parecem se complementar distribucionalmente, nesses dois idiomas, quanto a certos fatores, a exemplo do tempo verbal, do tipo semântico ou do emprego do sujeito.

Em termos de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, o avanço da construção $[estar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$ foi evidenciado pela possibilidade de novos preenchimentos dos *slots* por verbos modais ou apassivadores, conservando a leitura perifrástica cursiva da construção, e ampliando, conseqüentemente, seu contexto de uso. Tal produtividade também pode ser apontada pela sua maior frequência de ocorrência (*token*), e pela menor restrição de uso comparada à construção $[ficar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$. Esta, como mostrado em (23) e (24), apresenta certo enfraquecimento da leitura perifrástica cursiva em determinados contextos, o que pode indicar uma menor integração/consolidação da perífrase.

Além disso, $[estar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$ se mostrou menos composicional, tendo em conta a manutenção da leitura conjunta em diferentes situações e a menor possibilidade de interrupção dos elementos da perífrase ou a ocorrência de elementos que não prejudicassem sua leitura construcional, não somatória, como discutido anteriormente e exemplificado com os dados percentuais. Já em termos de esquematicidade, a modalidade observada com esta construção pode deixar indícios de captação de novas construções na língua, o que precisa ser avaliado com mais detalhes numa amostra maior.

No entanto, a análise sugere que, apesar dessa similaridade nessas línguas, o processo da mudança com $[estar + X-ndo]_{\text{cursivo}}$ parece estar ainda mais avançado no PB, pelo aumento de produtividade (ampliação do tipo e natureza do sujeito, e alta e diversificada modalização), de esquematicidade (recrutamento de novas construções, como as de gerundismo) e pela redução de composicionalidade (baixa fre-

quência de material interveniente e presença de poucos materiais que enfraqueçam sua leitura perifrástica).

É importante reforçar, por fim, que este estudo não esgota as discussões em torno do tema, apenas aponta resultados gerais da comparação entre o português e o galego no que se refere ao emprego de construções perifrásticas de gerúndio de aspecto cursivo e, ao apresentar esse quadro, permite identificar aproximações e particularidades dessas duas línguas que guardam entre si estreito grau de parentesco. Ademais, uma análise mais geral, que não se debruça sobre informações e detalhamentos estatísticos, como se propôs aqui, acaba por ocultar também o grau exato de aproximação e distanciamento entre essas duas línguas dentro do recorte analítico procedido, o que abre espaço para mais investigações dentro desta temática.

A expectativa de trabalhos como este é a de fomentar novos estudos comparativos entre essas duas línguas por meio de análises de fenômenos de diferentes níveis da gramática, uma vez que este estudo procurou evidenciar que fenômenos atestados em uma língua podem ajudar a elucidar a análise na outra e a identificar padrões próprios do galego-português. Resta, portanto, o convite para aprofundamento deste tema e a realização de novas investigações no âmbito interlinguístico.

Agradecimentos

Agradeço aos professores Dra. Maria Luiza Braga e Dr. Xulio Sousa Fernández, que me ajudaram mais diretamente nesta pesquisa. Também ao apoio institucional da Capes, pela concessão da bolsa de Doutorado sanduíche, do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela viabilização da pesquisa e da minha formação acadêmica, e ao Instituto de Língua Galega e à Universidade de Santiago de Compostela pelo acolhimento e suporte material e bibliográfico. Por fim, agradeço aos revisores deste texto pelas ricas contribuições dadas ao trabalho, e à editora da revista pela condução das discussões.

Referências bibliográficas

- Álvarez, Rosario. 1996. Posición do pronome átono en construcións de infinitivo e xerundio. *Verba* 23, 11-35.
- Álvarez, Rosario & Xose Xove. 2002 *Gramática da lingua galega*. Vigo: Editorial Galaxia.
- Barroso, Henrique. 1994. *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrônica*. Porto: Porto editora.
- Bybee, Joan L. 2003. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. Em B.D. Joseph & J. Janda (eds.), *The Handbook of Historical Linguistics*. 602-623. Oxford: Blackwell.
- Bybee, Joan. L. 2010. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Castilho, Ataliba T. de. 1968. *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. Marília, SP: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Centro Ramón Piñeiro para a investigación en humanidades: *Corpus de Referencia do Galego Actual* (CORGA) [3.2] <<http://corpus.cirp.gal/corga/>> [Data da consulta: 30/04/21]
- Coelho, Sueli. 2006. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens TER, HAVER, SER, ESTAR e IR na Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ UFMG. [Tese de Doutorado]
- Freixeiro Mato, Xosé R. 2002. Sobre as perífrases verbais em galego (do século XIX à actualidade). Em Isabel Margarida Duarte, Joaquim Barbosa, Sérgio Matos & Thomas Hüsgen (orgs.), *Actas do Encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. 269-286. Porto, Universidade do Porto, Centro de Linguística. <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7184.pdf>> [Consulta: 20/05/2021].
- Freixeiro Mato, Xosé R. 2006. *Gramática da língua galega II-morfosintaxe*. 2ª ed. Vigo: A Nosa Terra.
- Gonçalves, Anabela. 1996. Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do português europeu. Em Anabela Gonçalves, Madalena Colaço, Matilde Miguel & Telmo Mória, (eds.), *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*. 7-51. Lisboa: Colibri.
- Halliday, Michael A. K. & Christian Matthiessen. 2004. *An Introduction to Functional Grammar*. 3rd edition. London: Edward Arnold.
- Heine, Bernd. 1993. *Auxiliaries. Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York Oxford University Press.
- Himmelman, Nikolaus P. 2004. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? Em Walter Bisang, Nikolaus P. Himmelman, N. & W. Björn (eds.), *What Makes Grammaticalization - A Look from its Fringes and its Components*. 21- 42. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Lehmann, Christian (2008). A auxiliarização de ‘ficar’. Linhas gerais. Em Maria Clotilde Almeida, Bernd Sieberg & Ana Maria Bernardo (eds), *Questions on language change*. 9-26. Lisboa: Colibri.
- Lobato, Lucia M. 1975. Os verbos auxiliares em português contemporâneo: critérios de auxiliaridade. Em Lucia Lobato, Bernard Pottier, Francisco D’Introno, Anne-Marie Loffler-Laurian & Anne-Marie Vidal (eds.), *Análises linguísticas*. 27-91. Petrópolis: Editora Vozes.
- Longo, Beatriz N. 1990. A auxiliaridade e a expressão do tempo em Português. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade estadual Paulista. [Tese de Doutorado em linguística].

- Lôpes Castro, Maurício. 2006. *Manual de iniciação à língua galega sociolinguística, morfossintaxe, ortografia e léxico*. Ferrol, Galiza: Fundação Artábria.
- Maurer JR, Theodoro H. 1968. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo: Cia Editora Nacional-USP.
- Olbertz, Hella. 1998. *Verbal periphrases in functional grammar of Spanish*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter.
- Oliveira, Quezia dos S. L. 2018. Construcionalização e mudanças construcionais das perífrases cursivas de gerúndio no português. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. [Tese de Doutorado].
- Osório, Paulo & Ignacio Vázquez Diéguez. 2018. Dados diacrónicos da estrutura durativa em português e em galego. *Estudos de Linguística Galega* 10, 87-101. <https://doi.org/10.15304/elg.10.5013>
- Palmer, Frank R. 1979. *Modality and the English Modals.*, London and New York, USA: Longman.
- Palmer, Frank. R. 1986. *Mood and Modality*. Cambridge University Press, New York, USA.
- Partee, Barbara. 1984. Compositionality. Em Fred Landman and Frank Veltman (eds.), *Varieties of Formal Semantics*. 281–312. Dordrecht: Foris.
- Possenti, Sírio. 2005. Defendendo o gerúndio. *Discutindo língua portuguesa* Ano 1, nº 1, 8-11.
- Rojo, Guillermo. 1974. *Perífrasis verbales en el gallego actual*. Verba, Anuario gallego de filologia, Anejo 2- Vigo: Universidade de Santiago de Compostela.
- Santamarina, Antón (dir.)/ Ernesto González Seoane & María Álvarez de la Granja: *Tesouro informatizado da lingua galega* (Versión 4.1). Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. <<http://ilg.usc.gal/TILG/>> [Consultado: 30/04/21]
- Serrone, Luiz Carlos. 1992. *Crítérios de auxiliaridade em português*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. [Dissertação de Mestrado].
- Sigiliano, Natalia S. 2013. *A construção aspectual inceptiva do português com verbos não canônicos*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. [Tese de doutorado]
- Tavares, Maria Alice. 2018. Graus de integração entre os verbos da perífrase V1 (E) V2 em uma perspectiva de interface variação-gramaticalização. *Entrepalavras* 8-2, 381-400.
- Torres, Fábio Fernandes. 2009. *O gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista*. Fortaleza-CE: Universidade Federal do Ceará. [Dissertação de Mestrado]
- Traugott, Elizabeth. C. & Graeme Trousdale. 2013. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford, Oxford University Press.
- Travaglia, Luiz Carlos. 2007. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. *Revista da Abralín* 6-1, 1-31.
- Travaglia, Luiz Carlos. 2015. *Aspecto verbal: a categoria e sua expressão* (5ª ed.). Uberlândia, MG: EDUFU.
- Vieira, Márcia dos S. M. 2004 Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade. Em Vieira, Silvia R.; Brandão, Silvia F. (org.) *Morfossintaxe e ensino do português: reflexões e propostas*. 65-96. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ.
- Volpato, Arceloni. & Iris S. Pires Pereira. 1997. A construção progressiva em Português: considerações histórico-semânticas. Em Ivo Castro (ed.), *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. 2. 341-346. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.